

## EDITORIAL

**Glauco José Côrte**

Presidente do Sistema FIESC

O Brasil vive há alguns anos um ciclo de desenvolvimento econômico amparado no incentivo à demanda e em elevadas taxas de ocupação dos trabalhadores. Ainda que seja justo comemorar, é preciso ter em conta que esse crescimento não pode disfarçar problemas estruturais que representam entraves ao amplo desenvolvimento e à competitividade do setor produtivo. Entre esses obstáculos as deficiências educacionais se sobressaem pela amplitude de seus reflexos.

As deficiências na educação repercutem no desempenho dos profissionais e nos resultados das empresas, que enfrentam dificuldades para inovar, incorporar novas tecnologias ou produzir com processos sustentáveis. Educação básica inconsistente tem reflexos no aprendizado técnico e nos cursos universitários – que precisam investir no reforço do ensino. Os problemas transcendem para a economia. O Brasil ocupa a 53ª posição (Santa Catarina ficaria no 47º lugar) no PISA, o ranking do desempenho dos estudantes da OCDE. Segundo a Organização Mundial do Trabalho, o país está na 77ª posição na pesquisa sobre a produtividade do trabalhador. Na prática, um trabalhador brasileiro produz um quinto da renda gerada pelo americano. O Brasil ocupa a 41ª posição entre 47 países no ranking global da inovação divulgado pela Comunidade Europeia.

Mesmo outros problemas estruturais que enfrentamos têm relação direta com as carências educacionais. Além de elevada, a carga tributária brasileira não resulta em serviços de qualidade – incluindo a própria educação, a saúde e os investimentos na infraestrutura. Além disso, os próprios serviços prestados pelo poder público se ressentem da falta de eficiência.

Observa-se neste contexto que os problemas são sistêmicos e como tal devem ser enfrentados. Nesta perspectiva, o Sistema FIESC está adotando iniciativas que vão contribuir para melhorar a competência da força de trabalho, o padrão de competitividade da indústria e, por consequência do Estado e do país. Referimo-nos ao programa de apoio à competitividade da indústria, com a implantação de oito Institutos SENAI de Tecnologia e dois de Inovação. Outra iniciativa, lançada em setembro, é o Movimento A Indústria pela Educação, que pretende mobilizar o setor para a causa, além de ampliar a oferta de matrículas nos serviços educacionais do SENAI, do SESI e do IEL.

A disseminação do conhecimento é parte do esforço de ampliação da competitividade da indústria. Pesquisas, elaborações teóricas, revisões de literatura, estudos de caso ganham valor no momento em que podem ser transformados em ações práticas. A Revista E-Tech, da qual temos a satisfação de apresentar mais uma edição, cumpre este papel. Os autores dos artigos aqui publicados estão compartilhando saberes que se ampliarão quando ganharem corpo em aplicações práticas e, por meio delas, gerarem novos conhecimentos.